

**11ª Jornada Científica e  
Tecnológica do IFSULDEMINAS**

**& 8º Simpósio de  
Pós-Graduação**

## **Cartografia e toponímia quilombola nos sertões do Cabo Verde e do Jacuí (década de 1760).**

**Maysa C. F. dos SANTOS<sup>1</sup>; Vitória B. FURIN<sup>2</sup>; Paula H. D. AFONSO<sup>3</sup>**

### **RESUMO**

*Este trabalho analisou quatro mapas históricos que retrataram o sertão oeste da antiga comarca do Rio das Mortes, na capitania de Minas Gerais, em especial a região situada entre as futuras freguesias de Cabo Verde e Jacuí na segunda metade do século XVIII, designadamente na década de 1760. Demonstrou-se que certos núcleos quilombolas supostamente destruídos nas expedições de extermínio de 1759-60 sobreviveram aos ataques e exerceram influência na formação do novo território a ser colonizado, influência que pode ser detectada, entre outros meios, na cartografia histórica relativa à região.*

### **Palavras-chave:**

*Quilombos; Sertões Mineiros; século XVIII.*

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho analisou quatro mapas históricos que retrataram o sertão oeste da antiga comarca do Rio das Mortes, na capitania de Minas Gerais, em especial a região situada entre as futuras freguesias de Cabo Verde e Jacuí na década de 1760. Esta área havia sido alvo de expedições militares destinadas a destruir os diversos quilombos que ali se instalavam e, depois dos ataques, realizados entre 1759-60, tornou-se uma nova frente colonizadora, atraindo expedicionários, sertanistas, senhores e trabalhadores escravizados que formaram arraiais mineiros a dividir espaço com os antigos núcleos quilombolas (BARBOSA, 1972; CAMPAGNOLE, 1979; AMANTINO, 2008; CARVALHO, 1998).

Valendo-se da cartografia produzida nos momentos iniciais de colonização, a pesquisa demonstrou que certos núcleos quilombolas supostamente destruídos nas expedições de extermínio sobreviveram às investidas e exerceram influência na formação do novo território. Na historiografia e nas memórias locais das cidades situadas nessa área, a referência ao passado quilombola e a lembrança da existência de outros grupos marginalizados, como os indígenas, foram tradicionalmente silenciadas. (GASPAR, 2017 b; FARIA, 2018) Não obstante isso, alguns trabalhos recentes têm revelado que as origens históricas dessa região estiveram fortemente relacionadas à ação de grupos subalternos, a contar, inclusive, com a presença de importante população escravizada (MARTINS, 2008; GRILO, 2005; GASPAR, 2017 a; FARIA, 2018). Permanecem pouco conhecidos, todavia, muitos aspectos do problema, haja vista que a produção de pesquisas relativas à história regional ainda é escassa e lacunar. A hipótese a ser desenvolvida neste texto é a de que antigos núcleos quilombolas tornaram-se bairros, localidades ou mesmo arraiais importantes dessas freguesias incorporadas à colonização portuguesa.

1 Bolsista PIBIC EM, sob orientação do Prof. Tarcísio de Souza Gaspar, e aluna do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFSULDEMINAS, Campus Muzambinho. Email: [maysacarla.nr@gmail.com](mailto:maysacarla.nr@gmail.com)

2 Bolsista PIBIC EM, sob orientação do Prof. Tarcísio de Souza Gaspar, e aluna do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFSULDEMINAS, Campus Muzambinho. Email: [bibibraghini13@gmail.com](mailto:bibibraghini13@gmail.com).

3 Aluna do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do IFSULDEMINAS, Campus Muzambinho, e discente integrante do projeto de pesquisa “Sertões do Cabo Verde, do Jacuí e do Rio Pardo: história e documentação (1750-c.1850)”, sob a orientação do prof. Tarcísio de Souza Gaspar. Email: [palena2016@outlook.com](mailto:palena2016@outlook.com).

## **2. MATERIAL E MÉTODOS**

Os quatro mapas analisados, acrescidos de suas respectivas cópias e reproduções, formuladas posteriormente aos originais, foram: o "Mapa com todo o Campo Grande tanto da parte da conquista quanto da parte da Campanha do Rio Verde, e São Paulo, como de Piui, cabeceiras do São Francisco e Goias", cujos exemplares conhecidos situam-se no IEB-USP e no Arquivo do Exército-RJ; a "Planta do novo descoberto de São João de Jacuhy", lotado no Arquivo Histórico Ultramarino; a "Carta Geográfica da Capitania de Minas Gerais e partes confinantes", de 1767, cujo original encontra-se no AHEx; e, por fim, a "Carta Geográfica que compreende toda a comarca do Rio das Mortes, Vila Rica e parte da cidade de Mariana do governo de Minas Gerais", a descrever o "giro" do governador Luis Diogo Lobo da Silva pelos sertões mineiros em 1764. Obtidos em formato digital (ou digitalizados) pelo professor-orientador em diferentes arquivos do Brasil e de Portugal, os mapas foram estudados e analisados pelos autores discentes com o propósito de verificar a toponímia e a geografia regional retratadas nos exemplares cartográficos. Essas informações foram contrastadas com a documentação manuscrita do mesmo período e também com a bibliografia pertinente. O estudo da cartografia oferece rico caminho de pesquisa para se compreender a história regional. (FILHO, 2011).

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Devido à exigüidade do espaço disponível neste resumo, optou-se por reproduzir na próxima página apenas os extratos cartográficos mais interessantes à discussão dos resultados alcançados. As figuras de número 1 a 6 representam, em diferentes exemplares, a área quilombola situada entre Cabo Verde e Jacuí e contam com inscrições e grifos dos autores a fim de destacar as toponímias mais importantes.

Considerando as informações cartográficas e toponímicas, bem como o conteúdo de relatos documentais importantes, como a "Relação das Marchas" efetuadas pelo governador mineiro em 1764, entre outros documentos, há elementos probatórios suficientes para sustentar uma nova leitura acerca dos topônimos regionais dispostos entre Cabo Verde e Jacuí. Nesta leitura, os antigos núcleos quilombolas sobressaem como fator determinante na formação e na evolução histórica deste território.

Começamos por tentar situar corretamente os topônimos existentes na região de Jacuí. Quanto a isso, o único núcleo cuja posição parece infensa à dúvida é o de Santa Ana, às costas do Chapadão, cujo sítio foi, recentemente, localizado. A mesma certeza não existe para as demais localidades de Zundú, São Pedro e São João. A historiografia regional, afiançada, sobretudo, nos trabalhos de Tarcísio José Martins e Antônio Theodoro Grilo, desenvolveu entendimento segundo o qual a atual cidade de Jacuí teria sido implantada nas proximidades do (ou mesmo em sítio coincidente ao) antigo arraial de São Pedro de Alcântara, que, após elevação à condição de vila, em 1814, passou a ser denominado Vila de São Carlos de Jacuhy, por determinação do Príncipe Regente (MARTINS, 2008: 845; GRILO, 2005: 20; SILVA, 2004: 75-80).

Ora, considerando a análise da cartografia produzida na década de 1760 e outros documentos

analisados neste trabalho, é forçoso contestar essa narrativa, com base em evidências empíricas mais ou menos contundentes. Diferentemente do que se convencionou acreditar, a atual cidade de Jacuí está situada em localidade correspondente ao antigo topônimo do *Zondú*, tal como este bairro foi representado na *Carta Geográfica* de 1767 e, embora de maneira imprecisa, também no “Mapa do Giro” (1768?). A proximidade com o Chapadão e a homologia entre os topônimos presentes na *Carta Geográfica* e na “Relação das Marchas” do governador Luiz Diogo Lobo da Silva, em 1764, são elementos probatórios decisivos. Também pesa em prol desta interpretação o fato de que persistiu – e persiste até nossos tempos – como bairro rural do município de Jacuí a localidade de *Zundum*, situada, todavia, a sudeste do núcleo urbano.



Figura 1. Extrato do MAPA de Todo o Campo Grande. IEB, YAP-023-016.



Figura 2. Extrato do MAPA de todo o Campo Grande. AHEX, cód. 2079.

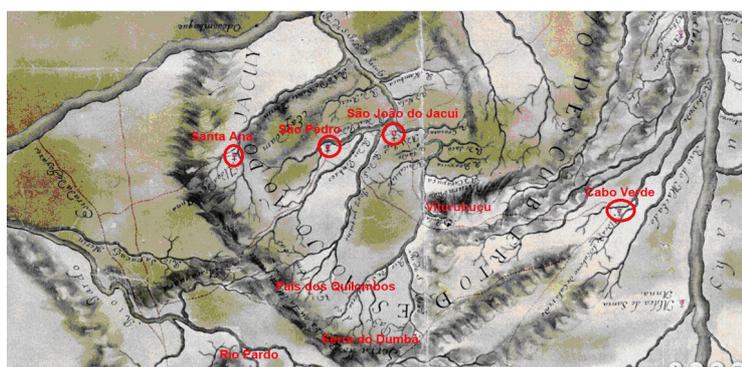


Figura 3. Extrato da PLANTA do novo descoberto de S. J. de Jacuhy AHU, 023, 1211.

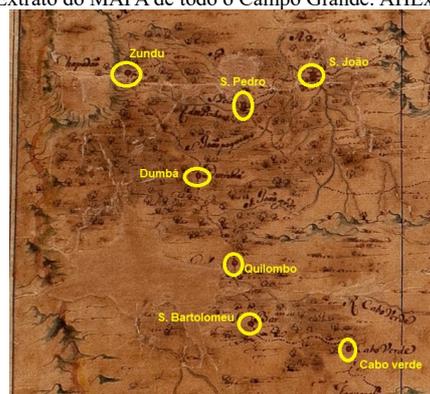


Figura 4. Extrato de CARTA Geográfica, 1767. AHEX, n. 1150.



Figura 5. Extrato de CARTA Corográfica. APM SI - 003(08).



Figura 6. Extrato da CARTA geográfica. AHI, Col. Min. Itamaraty. Cópia de 1827.

Mas se o *Zondú* tornou-se Jacuí, onde se instalava o arraial de São Pedro? Embora tal entendimento tenha sido prejudicado pela imprecisão dos mapas de época, exceção feita à *Carta* de 1767, e por outros fatores ligados à história regional, é possível consignar que a localidade de São Pedro estivesse em posição equivalente ou próxima ao sítio onde hoje existe a cidade de São Pedro da União. E, a completar a série de quatro povoados que formavam o “novo descoberto”, a antiga “aldeia” ou arraial de São João deveria achar-se em local equivalente ou próximo à atual cidade de Bom Jesus da Penha, posição, aliás, já indicada por Tarcísio José Martins (MARTINS, 2008: 845).

A descoberta de que o topônimo *Zondú* deu origem à atual Jacuí indica de modo eloqüente que a

cidade foi construída sobre o núcleo quilombola. Outros casos semelhantes a este podem ter se repetido em diversas cidades da região. Cite-se, por exemplo, a cidade de Muzambinho, fundada em área coincidente com o topônimo “Quilombo”, tal como indicado na “Relação das Marchas” de 1764 e na *Carta Geográfica* de 1767. Integrado à freguesia de Cabo Verde houve um bairro denominado *Muzambinho*, cujos moradores deixaram registros na matriz de Assumpção desde, pelo menos, a década de 1780 (GASPAR, 2017). Por sua vez, a localidade de *Dumbá* situava-se nalgum ponto da região onde hoje existem os municípios de Monte Santo de Minas, Guaranésia e Guaxupé. Sabemos que no interior deste último município permanece em uso o topônimo *Cala Boca*, denominação de um dos quilombos destruídos na expedição do capitão França e referenciado no *Mapa de todo o Campo Grande*.

#### 4. CONCLUSÕES

A origem quilombola de um núcleo populacional duradouro, como Jacuí, é elemento decisivo na compreensão da história regional. A sobrevivência e a persistência dessas comunidades, atestada pela continuidade de bairros e de localidades com toponímias quilombolas, indicam que, de alguma maneira, a expedição de caça e extermínio não implicou a aniquilação das populações ali situadas. A história dos quilombos alocados nos sertões de Jacuí e do Cabo Verde e o processo de colonização desta área parecem ter se dado de modo mais complexo do que já se supôs. Demonstra-se promissora a perspectiva de que os quilombos tenham sido núcleos estruturantes do território, mesmo depois de subjugados por colonizadores luso-brasileiros.

#### 5. REFERÊNCIAS

##### *Documentos manuscritos*

CARTA *Corográfica dos limites do Estado de Minas Gerais com o de São Paulo*. APM SI - 003(08).

CARTA do governador das Minas Gerais, Luís Diogo Lobo da Silva, para Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre as medidas que tomou para se evitarem os descaminhos do ouro dos novos descobertos. Anexo: relação das Marchas da Mostra Geral, 2 cópias de termos do giro. AHU, MG, cx. 85, doc. 31.

CARTA geográfica da capitania de Minas Gerais e partes confinantes. 1767. Arquivo Histórico do Exército, Mapoteca, n. 1150.

CARTA geográfica que compreende toda a comarca do Rio das Mortes, Vila Rica, e parte da cidade de Mariana do Governo de Minas Gerais. 1763. Arquivo Histórico do Itamaraty, Coleção Ministério do Itamaraty, Rio de Janeiro. Cópia 1827.

LIVRO de Batizados B-3, Batismos, matrimônios, óbitos 1764, Mar-1814; Paróquia de Jacui.

LIVRO de Casamentos e Batismos, 1764-1799; e Livro de batismos, 1789-1799, Paróquia de Cabo Verde.

LIVRO de óbitos, 1813-1824, fl. 48. Paróquia de Cabo Verde.

##### *Cartografia*

MAPA com todo o campo Grande tanto da parte da conquista q. da parte com a Campanha do Rio verde, e S. Paulo, como de iuhy cabeceiras do Rio de S. Francisco, e Goyazes, IEB-USP, YAP-023-016.

MAPA de todo o Campo Grande, tanto da parte da conquista que parte com a Campanha do Rio Verde e São Paulo, como de Piuhy, Cabeceiras do Rio de São Francisco e Goyases. AHEx, cód. 2079 (GO).

PLANTA do novo descoberto de São João de Jacuhy AHU, Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita 023, 1211..

##### *Bibliografia*

AMANTINO, Márcia. *O Mundo das Feras. Os moradores do sertão oeste de Minas Gerais – século XVIII*. São Paulo: Annablume, 2008.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Negros e Quilombos em Minas Gerais*. Belo Horizonte: s/ed., 1972.

CAMPAGNOLE, Adriano. *Memória da Cidade de Caconde: freguezia antiga de N. S. da Conceição do Bom Sucesso do Rio Pardo*. São Paulo: Edição do autor, 1979.

CARVALHO, Adilson de. *A Freguesia de Nossa Senhora da Assumpção do Cabo Verde e sua história*. Cabo Verde: edição do autor, 1998;

FARIA, Marjorie Prado Junqueira de. *Os silenciados quilombolas e indígenas na formação de Caconde: território como testemunha do esquecimento*. São Bernardo do Campo, UFABC, 2018. Dissertação de Mestrado.

FILHO, Édson da Silva *A contextualização histórica e geográfica de mapas sobre as áreas quilombolas das Minas Gerais dos setecentos: os quilombos da região do Campo Grande*. Belo Horizonte, PPGG-PUC/MG, 2011. Dissertação de Mestrado em Geografia.

GASPAR, Tarcísio de Souza. “A escravidão em Cabo Verde, em Muzambinho e em outras localidades da Freguesia de N. S. da Assumpção na segunda metade do século XVIII”. *Anais do I Colóquio de História Local e Regional*. Muzambinho, 2017 (a). No Prelo.

\_\_\_\_\_. “A propósito da obra ‘Freguesia de Nossa Senhora da Assumpção do Cabo Verde e sua história’”. *Anais do I Colóquio de História Local e Regional*. Muzambinho, 2017 (b). No Prelo.

GRILLO, Antonio Theodoro. Os “Sertões do Jacuhy”. Texto xerocopiado, s/l; s/e, 2005.

MARTINS, Tarcísio José. *Quilombo do Campo Grande: história de Minas que se devolve ao povo*. Contagem: Santa Clara, 2008.

SILVA, Paulo Sérgio. *Dimensões e Perspectivas Históricas de Jacuí – Minas Gerais*. Passos: Editora São Paulo, 2004, p. 75-80.